

Orquestra Gulbenkian

Hannu Lintu
Amihai Grosz



16 + 17 out 25

16 out 25 QUINTA 20:00

17 out 25 SEXTA 19:00

GRANDE AUDITÓRIO

Orquestra Gulbenkian

Hannu Lintu *Maestro*

Amihai Grosz *Viola*

Alfred Schnittke

Concerto para Viola e Orquestra

c. 33 min.

1. *Largo*
2. *Allegro molto*
3. *Largo*

INTERVALO

Dmitri Chostakovitch

Sinfonia n.º 8, em Dó menor, op. 65

c. 68 min.

1. *Adagio – Allegro non troppo*
2. *Allegretto*
3. *Allegro non troppo –*
4. *Largo –*
5. *Allegretto*

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 2h 10 MIN.

INTERVALO DE 20 MIN.

Alfred Schnittke

(Engels, 1934 – Hamburgo, 1998)

Concerto para Viola e Orquestra

COMPOSIÇÃO 1985

ESTREIA Amesterdão, 9 de janeiro de 1986

DURAÇÃO c. 33 min.

Várias “sombras” pairam sobre esta obra. Primeiro, a de Chostakovitch, cuja última obra foi uma Sonata para Viola e Piano¹, tendo Schnittke completado o Concerto para Viola nos dez anos da morte do colega. E, considerando que Schnittke incorporava tantos passados, forçoso é pensar no amplo solo das violas que inicia a 10.^a Sinfonia de Mahler, e no Concerto para Viola de Bartók, ambas obras terminais e fragmentárias.

O “destino” pregaria uma partida séria (passe o oxímoro) a Schnittke: a 21 de julho de 1985, dez dias após terminar o Concerto, sofreria o primeiro ataque cardíaco, muito grave (outros se seguiriam, até falecer, em 1998), que o deixou a pender para o “outro lado” durante bastante tempo – uma experiência de tal modo forte, que Schnittke acabaria por ler o seu Concerto retrospectivamente, à luz desse momento em que a morte primeiro o “tocou”, como se tivesse sido uma premonição atrasada de algo que alteraria definitivamente a sua vida².

A ideia do Concerto partiu de Yuri Bashmet, aquando do seu primeiro encontro com Schnittke, em 1977, tinha então apenas 24 anos. O compositor tardou oito anos a entregar a obra e, quando o fez, dedicou-a, claro, a Bashmet, inclusive com o seu apelido (na grafia “baschmet”) vertido em tema musical³ (surge logo no início do 1.^o andamento). A orquestração tem as madeiras a 3 e os metais a 4 (1 tuba), ampla percussão, harpa, celesta, piano e cravo; nas cordas: só violas, violoncelos e contrabaixos (8 de cada). Estreou a 9 de janeiro de 1986, curiosamente no Ocidente (Gorbatchev liderava a URSS há 10 meses), no Concertgebouw de Amesterdão, pela orquestra residente, dirigida por Lukas Vis. Yuri Bashmet gravaria a obra logo em julho, em Moscovo, com a Orquestra Sinfónica do Ministério da Cultura da URSS, dirigida por Gennadi Rozhdestvensky, com edição na etiqueta Melodiya. O ano de 1986 foi, de resto, um ano de reconhecimentos oficiais: Prémio Estatal da RSFSR⁴ para Schnittke e Prémio Estatal da URSS para Bashmet.

1. Obra finalizada a 5/7/1975, meras cinco semanas antes de falecer. Foi dedicada a F. Druzhinin, que era então professor de Y. Bashmet no Conservatório Tchaikovsky de Moscovo.

2. Ironia máxima, à sua morte, Schnittke deixaria em manuscritos desorganizados, incompletos e carecendo de uma reconstrução, um 2.^o Concerto para Viola, projeto que encetou nos últimos meses de vida.

3. b-a-s-c-h-e = si bemol/lá/mi bemol/dó/si/mi, tal como fazia Chostakovitch com o seu próprio nome.

4. República Socialista Federativa Soviética da Rússia.

Alfred Schnittke afirmou lapidarmente que não observara quaisquer considerações de ordem técnica na escrita para o instrumento solista, salvo as atinentes ao âmbito (ou tessitura) natural do instrumento, pois, segundo dizia: “Bashmet consegue tocar tudo”. Embora há apenas 39 anos entre nós, este Concerto já se afirmou como um dos mais belos jamais escritos para a viola. O próprio Bashmet comparava a interpretação do mesmo à *performance* de um ator numa tragédia de Shakespeare, com as mesmas amplitude e abismos emocionais; e exclamava: “Finalmente, a viola é um herói!”

A obra descreve um grande arco dramático (ou circunferência!), surgindo do nada e terminando no nada donde nasceu e, correspondendo à convicção íntima de Schnittke, há nela um mistério, um quê de insondável e inefável que procede daquele “lugar-outra” onde Schnittke situava a música que ia “buscar”, para no-la comunicar. Uma música que não conhecia fronteiras de época e de estilos e que, inteira, coincidia nele. Donde as frequentes (e peculiarmente suas) alusões e citações, como o motivo-grupeto da Sonata para Piano op. 2 n.º 3 de Beethoven, a sonoridade surpreendente (e algo “irreal”) do cravo, a alusão a certo

passo da *Sagração da Primavera*, os ecos de valsas vienenses, da *Sinfonia Fantástica*, dos Nibelungos, como se fossem episódios da vida, ou instantâneos de vivências. E presenças do passado imediato, igualmente: fragmentos do 1.º andamento que recorrem no 2.º; e dos 1.º e 2.º que ecoam (assombra?) no 3.º.

Se a imagem do “herói” tenaz, obstinado, irredento, nos ajuda a acompanhar os caminhos e trilhos que a viola explora e os eventos com que é confrontada no decurso da longa viagem que é este Concerto, são-no igualmente palavras como desolação, lamento, desencanto, confronto com a finitude, sentimento de despedida. É a conjugação das segundas que melhor define o carácter do 1.º andamento, ao passo que é a primeira (o herói) que preside ao 2.º andamento e ali nos oferece um último relance dos seus combates, do seu denodo no decurso da sua jornada pela existência. No 3.º, enfim, o herói faz-se corpo na viola e aí se realiza a necessária síntese: o destino traçado cumpre-se, mas o herói é justificado numa consciência superior e iluminada. Mas aí não cabe o seu corpo: esse é apoderado pela Morte e, dos cimos etéreos onde ascendera, a matéria (sonora) esboroa-se, tal qual o seu/nosso barro.

Dmitri Chostakovitch

(São Petersburgo, 1906 – Moscovo, 1975)

Sinfonia n.º 8, em Dó menor, op. 65

COMPOSIÇÃO 1943

ESTREIA Moscovo, 4 de novembro de 1943

DURAÇÃO c. 68 min.

Escrita rapidamente no verão de 1943, a 8.^a Sinfonia reflete a percepção de Chostakovitch da magnitude inaudita de mortandade e destruição trazida pelo confronto entre soviéticos e nazis. Contudo, e como sempre sucede com este compositor, toda a leitura “de superfície” é passível de um “negativo” crítico: no caso, ela retrataria a vida dos intelectuais sob o estalinismo e faria a denúncia do próprio estalinismo. Retrospectivamente, constitui-se como uma das mais poderosas e emblemáticas criações puramente sinfónicas do autor, a par das 4.^a, 5.^a, 7.^a e 10.^a Sinfonias.

A 8.^a Sinfonia foi montada em Novosibirsk e estreada em Moscovo, a 4 de novembro de 1943, pela Orquestra Sinfónica Estatal da URSS, dirigida por Yevgeny Mravinsky, na Grande Sala do Conservatório. O acolhimento oficial foi muito reservado e a obra acabaria por ser oficialmente proscrita em vida de Estaline.

O início apresenta várias semelhanças com o da 5.^a Sinfonia: intervalo ascendente e tema dado em unísono só pelas cordas, ritmos pontuados, “gravitas” e veemência (depois, desolação) da expressão, “chão” introdutório para posterior condução melódica nos violinos. Nesta, será preciso esperar mais de quatro minutos para haver uma linha relevante que não seja

das cordas; aí, por clarinete-baixo e fagote, seguindo-se o “coro” das madeiras. A orquestração nesta forma-sonata bitemática prossegue assim, “partida”, até ao primeiro grande *crescendo* (que “traz” consigo a secção de percussão), conduzido ao primeiro *tutti* em *fortissimo* (irá até *ffff*). A acalmia que se segue traz de novo as cordas para o “leme” da condução (ritmo pontuado em *ostinato*), com intervenções colorísticas das madeiras. Entra seguidamente uma marcha-fanfarrá (liderada pelos metais), depois deformada em música circense e conduzindo a novo clímax de carácter agressivo. Contraste completo para o que se segue: um solo “tristanesco” do corne-inglês sobre *tremoli* (mais tarde, com sincopação) das cordas. Quando termina, as cordas empreendem um *fugato*, que sinaliza o fim da recapitulação. Soa então nos trompetes, a descoberto, o tema inicial, como se estivessem num cemitério militar. As cordas retomam o discurso e os primeiros violinos levam o longo andamento tranquilamente ao seu termo, com um motivo da *lontano* (que regressará no final da sinfonia) dado pelo 1.º trompete.

O *Allegretto* tem aquela mordacidade e carácter burlesco típicos de Chostakovitch (e antecipa o andamento homólogo da 13.^a Sinfonia), sendo dominado por dois motivos

principais: 1) meio-tom descendente/ ascendente; 2) figuração de semicolcheias descendentes. A orquestração retém o princípio de oposição cordas/madeiras, mas agora privilegiando solos “cirúrgicos” das madeiras: flautim, fagote/contrafagote, clarinete piccolo, trompete – a cor ao serviço da expressão pretendida. O clímax é um *fugato* orquestral em jeito de marcha inexorável, após o que retoma o carácter distendido, até ao gesto final de risada e derisão.

O *Allegro non troppo* é obsessivamente dominado por uma progressão de semínimas em estilo de *toccata* (primeiro nas violas, resto das cordas, depois), pontuada por gritos/estridência das madeiras. A entrada dos metais sinaliza progressão para *crescendo* até ao *fortissimo*. A secção central introduz música de banda de circo. Regressa a secção A, com o mesmo tema, mas diferente orquestração. A tensão acumulada acabará por “deflagrar” por oito vezes (dinâmicas *ff* e *fff*), da qual “sobreviverá” só a caixa de rufo, num *buzz roll* que transita para o 4.º andamento. Este expõe nas cordas um *basso di passacaglia*, que se ouvirá por onze vezes, suportando uma música de expressão grave e de dramatismo sufocado. A instrumentação privilegia as madeiras: solos da trompa e do flautim (que dão uma sensação de libertação

da métrica – do tempo!), *tremoli* das flautas em *divisi*, solo em arabescos do clarinete, clarinetes em *divisi*.

Nova transição *attacca* leva ao *Finale*: Chostakovitch escolhe, para terminar a sinfonia, uma atmosfera não distante do último andamento da *Leninegrado*, com a diferença (grande!) de que ele aqui não “cede” à coda “de efeito” (grandioso). Tudo neste *Rondo* é plácido, quase pastoral, perpetuando o ambiente criado pelo solo inicial do fagote (pontuado pelo 2.º fagote e contrafagote) e integrando em vários pontos alusões/citações dos andamentos precedentes. Uma secção de orquestração mais ligeira vem animar o discurso (introdução de *fugati* e de *ostinati*), torná-lo mais “sinfónico” e conduz ao único momento de clímax do andamento, que se desfaz, aliás, num ápice. Um solo de clarinete-baixo reintroduz o clima bucólico, prosseguido por um solo de violino soando como uma rabeça. O fagote rememora uma última vez o tema inicial, após o que as cordas tomam conta do discurso (como no início da sinfonia) – apenas um solo da flauta se “intromete” – e o levam à coda, etérea, enigmática e, num certo modo, inquietante: sentido, temporalidade e lugar deixados suspensos (e abertos) por Chostakovitch.

Hannu Lintu

O finlandês Hannu Lintu é o atual Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian. Em paralelo, prossegue o seu trajeto como Maestro Principal da Ópera e Ballet Nacionais da Finlândia e inicia os seus mandatos como Parceiro Artístico da Sinfónica de Lahti e Diretor Artístico do Festival Internacional Sibelius. Na temporada passada, Lintu foi nomeado Diretor Musical da Orquestra Sinfónica de Singapura, com início em 2026/27. Nos últimos anos, dirigiu a Sinfónica de Chicago, a Filarmónica de Nova Iorque, a Filarmónica de Berlim, a Orquestra de Cleveland, a Sinfónica da Rádio da Baviera, a Orquestra Nacional da Radio France, a Sinfónica de Boston, a Sinfónica da Rádio Sueca, a Deutsches Symphonie-Orchester Berlin, a Filarmónica de Londres, a Sinfónica de Atlanta, a Orquestra do Konzerthaus de Berlim e a Sinfónica de Montreal, entre outras orquestras. Para além das grandes obras sinfónicas, dirige regularmente repertório de ópera. Neste domínio, os destaques recentes incluem *Oedipe* de Enesco, com a Sinfónica de Viena, no Festival de Bregenz, *O Navio Fantasma* de Wagner, na Ópera de Paris, e *Pelléas et Mélisande* de Debussy, na Ópera Estadual da Baviera, bem como várias produções para a Ópera e Ballet Nacionais da Finlândia, incluindo o ciclo *O Anel do Nibelungo* de Wagner, *Dialogues des Carmélites* de Poulenc, *Don Giovanni* de Mozart, *Turandot* de Puccini, *Salome* de R. Strauss, *Billy Budd* de Britten, e uma versão coreografada da *Messa da Requiem* de Verdi. Hannu Lintu estudou violoncelo e piano na Academia Sibelius, em Helsínquia, instituição onde mais tarde se formou em direção de orquestra com Jorma Panula. Estudou também com Myung-Whun Chung na Accademia Musicale Chigiana, em Siena. Em 1994 venceu o Concurso Nórdico de Direção de Orquestra, em Bergen.

Amihai Grosz

Amihai Grosz desenvolveu uma carreira única até aos dias de hoje, tendo fundado o Quarteto Jerusalém em 1995 e sido nomeado violetista principal da Filarmónica de Berlim em 2010. Os convites para apresentações como solista surgiram desde cedo e, ao longo dos anos, incluíram colaborações com maestros como Zubin Mehta, Daniel Barenboim, Simon Rattle, Tugan Sokhiev, Klaus Mäkelä, Nathalie Stutzmann, Ingo Metzmacher, Lionel Bringuier ou Ariel Zuckermann. Destacam-se duas colaborações muito especiais, com a Filarmónica de Berlim, na temporada 2024/25: a gravação de duas obras concertantes para viola, de William Walton e Bohuslav Martinů, com os maestros Simon Rattle e Matthias Pintscher, respetivamente, lançada pela própria editora da orquestra em setembro de 2024, bem como uma estreia mundial de um novo concerto para viola do compositor sul-coreano Donghoon Shin. Amihai Grosz continua também muito empenhado nas suas colaborações no domínio da música de câmara, trabalhando com artistas como Yefim Bronfman, Mitsuko Uchida, Daniel Hope, Eric Le Sage, Janine Jansen, Julian Steckel, Daishin Kashimoto e David Geringas. Internacionalmente, apresenta-se regularmente nas principais salas de concerto e festivais como os de Schleswig-Holstein, Evian, Verbier, Delft e Utrecht e os *BBC Proms*. Amihai Grosz começou a tocar viola aos onze anos, tendo estudado violino anteriormente. Foi aluno de David Chen em Jerusalém, de Tabea Zimmermann em Frankfurt e Berlim, e de Haim Taub em Telavive. Recebeu várias bolsas e prémios desde muito jovem e foi membro do “Grupo de Jovens Músicos” do Centro Musical de Jerusalém, um programa para jovens talentos musicais de destaque. Vive em Berlim e toca uma viola Gasparo da Salò de 1570, por empréstimo vitalício de uma coleção particular.

Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian.

Ao longo de mais de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora.

Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrix, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian.

PRIMEIROS VIOLINOS

Jukka Merjanen CONCERTINO*
Francisco Lima Santos CONCERTINO
Maria Balbi 1º SOLISTA
Pedro Pacheco
Alla Javoronkova
Ana Beatriz Manzanilla
Elena Ryabova
Maria José Laginha
Otto da Casa de Pereira
Catarina Ferreira
Catarina Resende
Margarida Queirós
Félix Duarte
Flávia Marques*
Catarina Sá Duarte*
Juan Maggiorani*
David Ascensão*

SEGUNDOS VIOLINOS

Anna Paliwoda 1º SOLISTA
Zachary Spontak 1º SOLISTA
Piotr Rachwał 1º SOLISTA
Jorge Teixeira 2º SOLISTA
Tera Shimizu
Stefan Schreiber
Ana Isabel Malheiro
Gonçalo Melo
Bernardo Barreira
Ricardo Vieira
Inês Marques*
Francisco Ferreira*

Orquestra Gulbenkian

VIOLAS

Samuel Barsegian 1º SOLISTA

Lu Zheng 1º SOLISTA

João Tiago Dinis 2º SOLISTA

Nuno Soares

Sara Moreira

Artemis Balkiz

Joana Silva

Micaela Miranda

Milan Radocaj*

João Barata*

Diniz Campos*

VIOLONCELOS

Marco Pereira 1º SOLISTA

Emeraude Bellier 1º SOLISTA

Martin Henneken 2º SOLISTA

Raquel Reis

Jeremy Lake

Leonor Moniz

Filipe Szkopek*

Tiago Mirra*

CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo 1º SOLISTA

Domingos Ribeiro 1º SOLISTA

Manuel Rêgo 2º SOLISTA

Marine Triolet

Luís Ferreira

André Filipe*

Maria Delmar*

Victor Silva*

FLAUTAS

Cristina Ánchel 1º SOLISTA

Sónia Pais 1º SOLISTA

Amalia Tortajada 2º SOLISTA

Janete Santos 2º SOLISTA*

Mafalda Carvalho 2º SOLISTA*

OBOÉS

Pedro Ribeiro 1º SOLISTA

Nelson Alves 1º SOLISTA

Alice Caplow-Sparks 2º SOLISTA

CORNE INGLÉS

CLARINETES

Iva Barbosa 1º SOLISTA

Telmo Costa 1º SOLISTA

José María Mosqueda 2º SOLISTA

CLARINETE BAIXO

Samuel Marques 2º SOLISTA*

FAGOTES

Ricardo Ramos 1º SOLISTA

Vera Dias 1º SOLISTA

Raquel Saraiva 2º SOLISTA

CONTRAFAGOTE

TROMPAS

Luís Duarte Moreira 1º SOLISTA

Pedro Fernandes 2º SOLISTA

Antonia Chandler 2º SOLISTA

Nuno Nogueira 1º SOLISTA*

TROMPETES

Carlos Leite 1º SOLISTA

José Pedro Pereira 2º SOLISTA

Jorge Almeida 1º SOLISTA*

Jorge Pereira 2º SOLISTA*

Pedro Gonçalves 2º SOLISTA*

TROMBONES

Sergi Miñana 1º SOLISTA

Rui Fernandes 2º SOLISTA

Thierry Redondo 2º SOLISTA

TROMBONE BAIXO

Paulo Alves 2º SOLISTA*

TUBAS

Amílcar Gameiro 1º SOLISTA

Elmano Pereira 1º SOLISTA

TIMBALES

Rui Sul Gomes 1º SOLISTA

PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2º SOLISTA

Tomás Rosa 2º SOLISTA*

Marco Fernandes 2º SOLISTA*

Bruno Costa 2º SOLISTA*

Miguel Herrera 2º SOLISTA*

Ryoko Imai 2º SOLISTA*

PIANO

Ricardo Martins 1º SOLISTA*

CRAVO

Sérgio Silva 1º SOLISTA*

CELESTA

Karina Aksenova 1º SOLISTA*

HARPA

Beatriz Cortesão 1º SOLISTA

* Instrumentista convidado

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Américo Martins

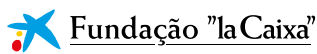
Marta Ferreira de Andrade

Pedro Canhoto

Fábio Cachão

Inês Nunes

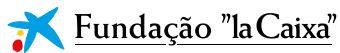
A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



MECENAS
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
MÚSICAS DO MUNDO



MECENAS
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável.

